

Rádio, música e memória: reflexões sobre a música popular brasileira, o auge da Rádio Nacional e a construção de suas narrativas na década de 1970

Por: Theophilo Augusto Pinto

Universidade Anhembi Morumbi

E-mail: theogp@gmail.com

Resumo:

Em 1976 a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Brasil, comemorava seus 40 anos de existência. Para a efeméride, uma série de programas foi produzida e, para eles, colhidos depoimentos de antigos funcionários seus de diversas áreas: musical, radioteatro, administrativa, técnica e esportiva. Naquele momento a televisão já estava consolidada como o principal veículo de comunicação brasileiro no lugar do rádio. A lembrança de seus antigos funcionários pretendia descrever um tempo em que a Rádio Nacional detinha esse lugar e nosso objetivo é mostrar algumas tensões, contradições e filtros em seus discursos sobre aquilo que eles mesmos chamavam de ‘passado heróico’.

Palavras-chave: rádio/ memória/ depoimento

Abstract:

In 1976 the Rádio Nacional in Rio de Janeiro, Brazil, celebrated her 40th anniversary. To the event, a series of special programs was produced and a bunch of testimonies were caught among the old employees about the musical, radio theater, administrative, technical and sportive areas. At that time, television was already the main vehicle of mass communication in Brazil, replacing radio. The memories of the veterans were taken to describe an age where the Rádio Nacional was in her apex and our purpose is to show some tensions, contradictions and filters in their discourses about what they called themselves an 'heroic past'

Keywords: radio/ memory/ testimony

Introdução

Esta comunicação pretende fazer uma reflexão sobre a Rádio Nacional como importante veículo de divulgação da música brasileira por meio da memória dos que nela trabalharam nas décadas de 1940 e 1950, quando ela detinha a liderança da audiência dos receptores em quase toda a extensão do Brasil. Para isso, serão usados depoimentos colhidos na década de 1970, num exercício de memória e história, tentando verificar possíveis tensões e contradições sobre um passado ‘heróico’, no dizer do único entrevistador desta série, Lourival Marques. Parafraseando Marc Bloch, Lourival, produtor da Rádio Nacional à época, ao invés de apenas ‘ver de binóculo’ o passado valendo-se de uma perspectiva temporal privilegiada, foi ‘ouvir seus tenentes’, isto é, os relatos daqueles que estavam diretamente envolvidos na ação cotidiana ou, em como ele mesmo diz, os relatos dos “homens que fizeram o Rádio” (palavras suas).

Também é importante ressaltar que esta pesquisa está em andamento como projeto de doutorado. Além disso, como professor da Universidade Anhembi Morumbi, tenho coordenado um programa de aquisição e restauração de um conjunto de programas radiofônicos – em sua maioria da Rádio Nacional, embora não exclusivamente – onde os alunos da graduação em Rádio e TV têm participado ou por meio do Programa de Iniciação Científica, ou como estagiários ou mesmo como voluntários da Instituição, de modo a sistematizar o conteúdo destes programas¹. A seleção, organização, categorização e análise destes programas também compõem etapas de meu trabalho de doutoramento.

Sobre a Nacional (termo que empregaremos de agora em diante), é interessante dizer que esta é uma estação radiofônica fundada por uma empresa privada, a Philips, em 1936, mas que tornou-se propriedade do governo federal em 1940, época do Estado Novo². No entanto, diferentemente de outras rádios usadas pelo regime, manteve diversos procedimentos de uma empresa particular. Um deles foi a continuidade de sua diretoria artística³. Outro foi a manutenção da Rádio não com verbas alocadas pelo Governo, mas sim por meio da publicidade veiculada em sua programação. Estes, dentre outros fatores, tornaram a Nacional uma empresa rentável e relativamente protegida das mudanças no cenário político brasileiro. A Nacional, aparentemente, conseguiu se livrar da má influência de políticos que pretendiam usá-la para dar emprego a artistas mais como forma de favor político do que como reconhecimento de seu talento artístico. Sempre com a aprovação de Gilberto de Andrade, a diretoria artística anteriormente mencionada realizava provas práticas para todo aquele que se candidatasse a um emprego na Nacional, não levando em conta seu “padrinho”⁴. Essas provas eram feitas, surpreendentemente, com a Nacional funcionando, no meio da tarde, num horário dedicado à manutenção, entre 15:00 e 16:00. Gilberto de Andrade prudentemente chamou esse horário de “Programa Alfa” e colocava esses artistas de competência questionável nesse horário até que conseguissem a aprovação da diretoria para serem contratados⁵.

Nas décadas de 1940 e 1950, em especial, a Nacional deteve a liderança no meio radiofônico com uma programação veiculada a nível nacional e internacional por meio de transmissores de ondas curtas, grandes orquestras e numeroso *cast* de artistas contratados. Se comparada com as concorrentes, as pesquisas de audiência mostravam uma imensa diferença entre a curva de amostragem da Nacional – muito alta – e as demais emissoras cariocas. Era chamada de “O Himalaia da Nacional”⁶. Naturalmente, este período terminou gradualmente, com a decadência da emissora devido a vários motivos que não são objeto desta comunicação⁷. Interessa-nos, aqui descrever um pouco sobre como se deu o processamento da memória que alguns de seus ex-funcionários nos diversos quadros da Rádio tiveram sobre esse período.

O ano de 1976 foi especialmente significativo, pois a Nacional completaria 40 anos de existência, efeméride esta que deveria ser lembrada através de uma série de programas retrospectivos. Para agregar valor a esses programas seu produtor, Lourival Marques, colheu uma série de depoimentos de antigos funcionários, tentando reconstituir parte de um passado chamado por alguns deles de ‘heróico’⁸. Foram chamados a fornecer sua memória radioatores, maestros, locutores, animadores de programas de auditório e músicos. Para Lourival Marques, havia outro motivo justificando a coleta destes depoimentos. Ele pretendia repor parte do acervo transferido em 1972 para as instalações – ainda precárias, segundo diversos depoimentos – do Museu da Imagem e do Som - MIS-RJ, onde estava agora grande parte do antigo acervo da Nacional: partituras, gravações de programas, discos etc⁹.

Os depoimentos e seu contexto

O conjunto destes depoimentos é o objeto principal desta comunicação. Por meio deles, isto é, da memória construída por aqueles que registraram suas , pode-se entrever várias entradas para futuras pesquisas sobre a Rádio Nacional em geral e seus programas musicais em particular, especialmente sobre sua fase ‘áurea’, quando ela era de fato uma importante emissora no Brasil.

Antes de falar dos depoimentos propriamente ditos, cabe uma pequena descrição do contexto em que foram dados. Na década de 1970, as emissoras de rádio no Brasil não tinham há muito tempo a força de poucas décadas atrás, pois perderam grande parte de sua audiência para a televisão. Em comum com esse novo veículo, entretanto, pode-se notar a grande força das novelas ou folhetins, programas estes que ganharam força depois do período dos “grandes festivais da MPB”, promovidos na década anterior¹⁰. O rádio, no período, não tinha mais a produção de programas musicais ao vivo, saudosamente lembrados pela maioria dos depoentes. A Nacional, principal produtora desse tipo de programação, juntou-se às demais e passou a veicular programas com músicas previamente gravadas em discos comerciais, programas estes de produção muito mais econômica pela imensa redução de pessoal envolvido. Embora houvesse pequenos conjuntos musicais ou até orquestras em algumas emissoras de TV, essa presença é aparentemente negada pelos depoentes que viam o veículo incapaz de produzir um produto tão bem-acabado como foram os programas radiofônicos.

Todos os depoentes que, em algum momento, citaram sua idade, têm entre sessenta a setenta anos. Dos que conseguimos aferir, o mais novo tinha 58 anos e o mais velho, 70. Dito de outro modo, tinham pouco mais de trinta anos quando a Nacional estava no auge. Segundo Paul Thompson (1992), a idade em que estas pessoas deram seus depoimentos tem a característica de ser uma espécie de “revisão da vida”, com mais disposição em lembrar e com menos repressão por causa das normas

sociais¹¹. Poucos foram os que tiveram uma educação formal de nível superior – há apenas um dentista, um bacharel em ciências comerciais e um advogado. Todos os músicos, quando estudaram formalmente, lembraram o nome de professores e não de escolas ou de instituições de ensino.

Interessantemente, não foi encontrado nenhum depoimento feminino. Em que pese a quase absoluta participação dos homens em cargos de chefia na época, isso não explica a ausência de radioatrizes, cantoras, locutoras ou funcionárias ligadas aos bastidores da emissora. Embora não seja possível afirmar com absoluta certeza que nenhum tenha sido dado¹², caso existam, é bem provável que sejam numericamente inferiores. Das pessoas que deram seu depoimento, há três animadores de auditório, cinco produtores e/ou executivos, oito músicos (entre cantores, maestros e compositores), três roteiristas, dois humoristas e dois locutores. Naturalmente, esta classificação pretende apenas apontar a atividade principal dessas pessoas para se ter uma idéia da representatividade de cada área da Nacional. Pode-se afirmar, para este conjunto de registros específico, que a presença de músicos é majoritária e a de mulheres é nula.

Uma das idéias recorrentes ao longo da maioria das entrevistas é o problema do **acervo** da Rádio Nacional, anteriormente citado. Embora ele tivesse sido apenas transferido para outra instituição pública – no caso, o MIS-RJ, já possuidora do valioso acervo de Henrique Foréis Domingues, o Almirante – esse ato foi várias vezes citado como criminoso, em pelo menos oito gravações como forma de justificar o trabalho de colher aqueles depoimentos. Um dos depoentes, o maestro Chiquinho, ou Francisco Duarte, além de músico foi também chefe do arquivo musical – o tão lamentado acervo. Em 1972, foi convocado para auxiliar a levar tudo aquilo para as instalações do MIS. Vale a pena ler parte da transcrição do seu depoimento:

Fizeram de uma maneira brutal, tanto que até o meu repertório particular também foi para o MIS. Foi tudo às pressas. Eu sabia, mais ou menos, que aquilo iria ficar lá jogado, mas era ordem, tinha que se cumprir, paciência. A diretora de lá era a Neusa Fernandes e a secretária era a Lígia, a filha do Donga, muito minha amiga. Eu lhes disse, vocês me desculpem, mas esse material vai para o MIS e vai ficar jogado lá. Ela me disse que não, maestro, não tem problema, porque nós temos muita boa vontade. Eu disse Neusa, boa vontade não resolve, vocês infelizmente não entendem do assunto e isso vai ficar jogado por lá. O Almirante, que também fez parte do arquivo da Rádio Nacional por muitos anos, achou que não deveria se fazer aquilo, que não haveria espaço para aquilo tudo. Mas havia a ordem, tinha que mandar, então ‘mande-se’ e as coisas estão lá. Se não me falha a memória, ainda estão lá pelo chão, à mercê, talvez, de baratas e de traças. É lamentável o que aconteceu. Famosos arranjadores da Rádio Nacional e meu arquivo particular estão lá. Eu chorei no dia em que aquilo aconteceu, mas paciência, pois quem manda são eles.¹³

Embora isso pareça um lamento exagerado atualmente, é importante dizer a favor de Lourival, Chiquinho e outros depoentes que aquele museu não tinha condições

ideais de armazenamento e preservação de um acervo tão grande. Como muitas outras repartições públicas em várias épocas, o MIS sofria cronicamente de falta de verbas e de funcionários. Há mesmo fotografias de pilhas com quase dois metros de partituras colocados numa pia ao lado de uma torneira¹⁴, dando a impressão de total abandono em que aquele acervo foi deixado. Lourival, produtor de rádio, parecia dar bastante valor a este acervo, chamando-o de “memória da Rádio Nacional” e, para compensar a sua falta, enquanto não o consegue de volta, vai retomando os depoimentos daqueles que se dispõem a fazê-lo.

Outros indícios de como Lourival via esse tipo de informação pode ser visto também na sua referência às Escolas de Comunicação que começaram, aparentemente, a procurar este tipo de material. Ele parece querer deixá-lo à disposição delas no futuro. Um último dado que demonstra o desejo de que a memória destes homens deva ser preservada é o próprio bordão do programa comemorativo dos 40 anos da Nacional, aludindo aos “milhões que assistiram aos fatos e querem recordar e aos jovens, milhões de jovens que desejam aprender”, sempre falado na introdução de cada um deles.

Outra idéia que perpassa aqueles depoimentos é a construção daquilo que chamo “**passado idílico**”. Este seria um tempo lembrado como melhor, mais inocente e onde o companheirismo e outros valores eram moeda corrente. Isso aparece em pelo menos duas modalidades. A primeira é quando os depoentes falam de si mesmos e de seus companheiros. Edmo do Vale, contra-regra e sonoplasta, fala das reuniões onde as decisões eram tomadas depois de grandes discussões, “mas com todos unidos na idéia de levar isso aqui pra frente”¹⁵. Mesmo Radamés Gnattali, o maestro mais lembrado em todos os depoimentos, diz que a Nacional não tinha um salário tão alto, “mas havia tempo para ensaiar”¹⁶. Afrânio Rodrigues, locutor e animador de auditório, fala da “catituagem”, um¹⁷. “Antes, havia mais lealdade, não havia **tanto** dinheiro envolvido... as músicas tinham mais qualidade e não havia essa catituagem de hoje em dia”. Ainda em outro trecho, diz que “hoje [1976] há uma visão mais comercial da música; antes havia mais honestidade, não se pensava no lucro”¹⁸. Como se pode notar, a questão da honestidade é matizada pela quantidade de dinheiro, exagerada pelos critérios atuais do entrevistado. Isso não era um privilégio do ambiente da Nacional, no entanto. Manoel Barcelos, apresentador de programas de auditório, falou de um programa jornalístico com caráter de denúncia – o “Comandos Tupi”, irradiado na rádio com o mesmo nome – afirmando que “não havia interesse pecuniário, mas reformador”.

Uma segunda modalidade desse “passado idílico” constitui-se na lembrança ou na construção da realidade à volta destes homens. Haroldo Barbosa, apresentador de programas de auditório, acreditava que, mesmo com o imenso poder do rádio, ele “não contaminava o indivíduo mais puro”, deixando-o se expressar de acordo com a própria raiz, pois “naquele tempo ainda era possível recolher o folclore. Porque hoje, quando o

sujeito vai recolher, encontra índio cantando música de Roberto Carlos. Hoje, a autenticidade acabou”. Edmo do Valle parece ir na mesma linha, quando afirma que “o povo... sabe cantar em inglês, mas quando é preciso cantar em português, é preciso paciência”. Em resumo, a Nacional da lembrança desses homens parece ser um ambiente extremamente positivo tanto para os que nela trabalham quanto para os que a ouvem.

Como pode ser entrevisto nos pequenos trechos acima, a memória destes homens parece estar criando uma realidade bastante filtrada, tentando se livrar de contradições ou tensões inerentes ao trabalho radiofônico, para não dizer à vida cotidiana. As famílias destes funcionários, quando citadas, parecem compreensivas com relação à sua ausência nas madrugadas de trabalho, por exemplo. Há, no entanto, a constatação de que essa geração perdeu muito do prestígio que desfrutou até poucos anos antes. Esta terceira idéia recorrente que escolhi para descrever aqui tem a ver com a **defesa** desses homens para fazer o que fizeram. Para eles, tanto o rádio quanto a televisão que vêem não lhes agrada. Edmo do Valle, já citado, é um dos mais exaltados: “estamos fazendo agora ‘Fulano manda a música pra Sicrana...’ isto é uma coisa que só a tiro!”. Afrânio Rodrigues fala que não é um disc-jóquei uma pessoa que se limita a apresentar discos com “vamos ouvir... acabamos de ouvir” e sim conhece e comenta as músicas apresentadas, coisa que ele sente falta. Paulo Tapajós orgulha-se de ter participado de uma rádio onde quase todos os programas musicais eram feitos ao vivo e deles saía a gravação, não para a venda, mas para a avaliação pela equipe artística.

A televisão, mesmo reconhecida como um veículo mais poderoso do que o rádio para eles, é vista com relativo desdém. “Hoje não se faz nada de novo... tudo o que se faz hoje já se fazia anos atrás”, disse o maestro Alberto Lazzoli, secundado por Edmo do Valle e César de Alencar em seus depoimentos. A gravação, bastante usada na televisão da época como forma de garantir um produto final pela edição dos melhores trechos é vista como algo que “esfria” a performance, na opinião de Lourival Marques. Aliás, embora ele seja o entrevistador, sempre que pode dá sua opinião sobre os assuntos em pauta, chegando a inverter a posição entrevistador/entrevistado com Radamés Gnattali. Este maestro também crê no baixo desempenho da TV por conta das poucas oportunidades para ensaio.

As agências publicitárias foram pouco mencionadas pelos depoentes. José Mauro, outro executivo da Nacional, lembrou delas como verdadeiras parceiras na produção, primeiramente, dos programas mais prestigiados veiculados pela Nacional – como *Um milhão de Melodias* (patrocinado pela Coca-Cola, conta administrada pela McCann-Erickson) e depois das novelas, primeiramente comprando-as da emissora e pagando seus custos; depois, produzindo-as em separado e pagando à Rádio apenas o

horário da transmissão, numa sangria de verbas que viria a ser fatal para a manutenção da Nacional como ela era¹⁹.

Embora muitos depoimentos tenham pontos coincidentes, não se deve pensar que aquela geração tinha unanimidade de pensamento. Uma voz mais pragmática e discordante aparece do depoimento de Ruy Rey, cantor especialista em salsas, rumbas e mambos, por exemplo. Falando em “faturar uma graninha”, em “se arrumar” ou até em “deixar a parte artística para lá”, ele demonstra uma grande satisfação com o tempo vivido na Nacional mas por motivos menos nobres que seus colegas. Tendo começado como copista e depois como cantor, Ruy Rey trabalhou unicamente na Nacional e, durante toda sua carreira, valeu-se da projeção que a emissora lhe dava para vender show por todo o país. Por meio de seu depoimento, confirma-se que uma grande motivação para os artistas se submeterem a condições não ideais de trabalho era a projeção nacional dada pela emissora e também a potencialização de conseguirem vender seus nomes para shows e outros espetáculos em todo Brasil. Impossível afirmar hoje, mas o depoimento de Ruy Rey mostra duas intenções possíveis para esse depoimento: vê-lo como uma voz discordante dos outros por ser mais “materialista” ou entender seu depoimento como um mecanismo de defesa de modo a reprimir a frustração de não ser mais um artista de prestígio.

O que foi referido acima são sugestões para uma investigação das diversas entradas possíveis para se compreender um pouco mais sobre a Rádio Nacional e a construção que se fez dela por parte de seus atores com estes depoimentos. Naturalmente, há muitas outras a serem exploradas, e, complementarmente, um grande trabalho a ser feito levando-se em conta a produção material disponível tanto nos acervos da própria emissora quanto do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Afinal, e felizmente, temos de discordar de Lourival Marques: o acervo não foi criminosamente destruído.

Referências Bibliográficas

McCann, Brian. 2004. *Hello, Hello Brazil - Popular Music in the Making of Modern Brazil*. Duke University Press: Durham.

Napolitano, Marcos. 2001. *Seguindo a Canção: engajamento político e indústria cultural na MPB*. Annablume/Fapesp: São Paulo.

Saroldi, Luiz Carlos e Moreira, Sonia Virginia. 2005. *Rádio Nacional: o Brasil em Sintonia*. 3ª ed. Zahar: Rio de Janeiro.

Thompson, Paul. 1992. *A Voz do Passado - História Oral*. 3ª ed. Tradução: L. L. Oliveira. Paz e Terra: Rio de Janeiro.

Gravações de programas e depoimentos (de acordo com o Catálogo Collectors)

<i>Os 40 Anos da Rádio Nacional</i>	AER115 a AER125
<i>Depoimento de José Mauro</i>	AER384
<i>Depoimento de Haroldo Barbosa</i>	AER385
<i>Depoimento de Haroldo Barbosa</i>	AER386
<i>Depoimento de Paulo Tapajós</i>	AER387
<i>Depoimento de Paulo Tapajós</i>	AER388
<i>Depoimento de Radames Gnattali</i>	AER389
<i>Depoimento de Alberto Lazzoli</i>	AER390
<i>Depoimento de Alberto Lazzoli</i>	AER391
<i>Depoimento de Maestro Chiquinho</i>	AER392
<i>Depoimento de Luciano Perrone</i>	AER393
<i>Depoimento de Luciano Perrone</i>	AER394
<i>Depoimento de Amaral Gurgel</i>	AER395
<i>Depoimento de Amaral Gurgel</i>	AER396
<i>Depoimento de Ghiaroni.</i>	AER397
<i>Depoimento de Floriano Faissal N° 1</i>	AER398
<i>Depoimento de Floriano Faissal N° 2</i>	AER399
<i>Depoimento de Saint Clair Lopes</i>	AER400
<i>Depoimento de Edmo Do Valle</i>	AER401
<i>Depoimento de Edmo Do Valle</i>	AER402
<i>Depoimento de Silvino Neto</i>	AER403
<i>Depoimento de Silvino Neto</i>	AER404
<i>Depoimento de Brandão Filho</i>	AER405
<i>Depoimento de Brandão Filho</i>	AER406
<i>Depoimento de Manoel Barcelos</i>	AER407
<i>Depoimento de Manoel Barcelos</i>	AER408
<i>Depoimentos de Afrânio Rodrigues E Rubens Amaral</i>	AER409
<i>Depoimentos de Afrânio Rodrigues E Rubens Amaral</i>	AER410
<i>Depoimento de Antônio Cordeiro</i>	AER411
<i>Depoimento de Ruy Rey</i>	AER412
<i>Depoimento de Jorge Veiga N° 1</i>	AER413
<i>Depoimento de Jorge Veiga N° 2</i>	AER414
<i>Depoimento de Jorge Fernandes</i>	AER415
<i>Depoimento de Cesar de Alencar N° 1</i>	AER184
<i>Depoimento de Cesar de Alencar N° 2</i>	AER185
<i>Depoimento de Cesar de Alencar N° 3</i>	AER186

¹ Pretende-se, com este programa, não a recuperação do acervo original e sim a disponibilização de uma cópia dele para uso dos alunos nos cursos regulares ou como fontes de pesquisa. Para isso, e para treinamento dos alunos, os programas recebem um tratamento de redução de ruídos e equalização um tanto diferentes do que seria feito com os arquivos originais, já que se trata de uma *cópia* analógica, com degradação do sinal inerente à sua confecção.

² O Estado Novo (1937-1945) foi um golpe de Estado dado por Getúlio Vargas que se caracterizou pelo poder centralizado no Executivo e pelo aumento da ação intervencionista do Estado. Um dos pontos que mais nos interessam aqui é a preocupação de Vargas em diminuir a força dos regionalismos em toda a extensão do país. Para isso, o investimento em emissoras radiofônicas de alcance nacional com uma programação dirigida para a ‘integração nacional’ foi fundamental.

³ Radamés Gnattali, Henrique Domingues, o Almirante e José Mauro, foram mantidos em seus cargos, tendo por diretor Gilberto de Andrade, representante do Estado Saroldi, L. C. and S. V. Moreira. 2005. *Rádio Nacional: o Brasil em Sintonia*. 3 ed. Tradução. Zahar: Rio de Janeiro.

⁴ (Saroldi & Moreira, op. cit: 57-58)

⁵ Essa informação, incluindo o nome do programa, foi obtido por meio dos depoimentos aqui examinados.

⁶ (idem, *ibid*: 150)

⁷ A história da Nacional e a perda de sua importância no cenário artístico brasileiro é descrita no livro de Luiz Carlos Saroldi – *Rádio Nacional, o Brasil em Sintonia*.

⁸ Por exemplo, César de Alencar fala do período nesses termos: “uma era heróica de uma dignidade a toda prova no Rádio brasileiro” – AER184 – Depoimento de César de Alencar nº 1. Sobre as referências a esses depoimentos, usaremos o código do Catálogo Geral Collectors, uma empresa conveniada com o MIS-RJ e que forneceu as cópias desses depoimentos e dos programas radiofônicos adquiridos pela Universidade Anhembi Morumbi.

⁹ Sobre a transferência do acervo e a reação dos funcionários da Rádio Nacional, veja Saroldi, *op cit* pp. 185-191.

¹⁰ Para uma melhor descrição da década de 1960 e a consolidação da MPB, veja Napolitano, M. 2001. *Seguindo a Canção: engajamento político e indústria cultural na MPB*. Tradução. Annablume/Fapesp: São Paulo.

¹¹ Thompson, P. – *A voz do passado*, p. 157.

¹² Tivemos oportunidade de ouvir o depoimento de 23 pessoas, registrados em 36 fitas cassete, posteriormente digitalizadas na Universidade Anhembi Morumbi. Embora seja remota a possibilidade, não é impossível que haja mais depoimentos para o mesmo aniversário no acervo da Nacional.

¹³ AER392 – Depoimento do Maestro Chiquinho

¹⁴ Essa foto aparece em pelo menos duas edições do livro de Saroldi & Moreira, *op. cit*.

¹⁵ AER401 – Depoimento de Edmo do Valle nº 1

¹⁶ AER389 – Depoimento de Radamés Gnattali

¹⁷ *Payola* em inglês e *jabá*, mais modernamente, em português

¹⁸ AER409 – Depoimento de Afrânio Rodrigues e Rubens Amaral

¹⁹ Para uma interessante descrição desse processo, veja McCann, Brian – *Hello Hello, Brazil* McCann, B. 2004. *Hello, Hello Brazil - Popular Music in the Making of Modern Brazil*. Tradução. Duke University Press: Durham.